

*Memória*

# 50 anos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

*O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq completa neste ano 50 anos de sua fundação. No dia 16 de abril realizou-se, no Teatro Nacional em Brasília, um evento comemorativo da data que contou com a presença de autoridades e representantes da comunidade interessados no desenvolvimento da ciência e da tecnologia no Brasil. A seguir, são reproduzidos os discursos proferidos na ocasião.*

## MENSAGEM DO PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Ao celebrarmos os 50 anos do CNPq, é uma satisfação ver que o Brasil tem coisas muito boas que vêm de longe. Se eu fosse aqui falar sobre a importância da ciência e da pesquisa para o desenvolvimento do País, estaria fazendo pregação aos já convertidos. As senhoras e senhores que aqui estão sabem, melhor do que eu, dessa importância e da necessidade que todos os países enfrentam, em nossos dias, de se qualificarem tecnologicamente ou serem marginalizados no sistema internacional. Conhecem as características na nova economia, na qual o conhecimento é fator decisivo na agregação de valor aos produtos e serviços.

Mas é um fato essencial no Brasil de hoje que o Governo também sabe disso. O Presidente sabe. O Ministro Sardenberg sabe, como sabem todos os que têm trabalhado com determinação para avançar na ciência e na inovação tecnológica. E já temos resultados importantes. Vale a pena mencionar alguns:

O panorama mais favorável que vive hoje o País deve-se, em parte expressiva, ao esforço realizado em ciência e tecnologia. Houve um aumento notável na participação brasileira na ciência mundial. Superamos a marca, somente alcançada por 18 países, de 1% da produção científica internacional, medida pelo número de publicações.

O Brasil alcançou posição de vanguarda em setores de ponta, como a tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas, a biotecnologia, a engenharia aeronáutica, a agricultura tropical, as vacinas e soros, as telecomunicações.

Estamos ampliando os recursos para financiar a ciência e a tecnologia.

Com os Fundos Setoriais, estamos implantando definitivamente no País uma estrutura estável de financiamento da pesquisa e da inovação, com um novo modelo de gestão, mais moderno, mais eficaz. Reforça-se a parceria entre Governo, universidades e empresas. Na proposta orçamentária para 2001, incluímos recursos para todos os fundos já aprovados.

Estamos trabalhando com o objetivo de encaminhar, em breve, ao Congresso Nacional, projetos de lei com vistas à criação de novos Fundos nos setores de agronegócios, biotecnologia, saúde e aeronáutica.

Nas circunstâncias atuais, o avanço tecnológico depende em boa medida de uma parceria eficaz entre universidade e empresa. Vemos isso nos países mais avançados tecnologicamente. E vemos que isso depende, essencialmente, da capacidade de iniciativa de ambos – universidades e empresas –, mas depende também da existência de um quadro regulatório que favoreça esse tipo de iniciativa. Por isso, o MCT está trabalhando na elaboração de um projeto de “Lei da Inovação”, que deverá incluir normas para favorecer o estabelecimento de parcerias entre empresas e instituições de públicas de pesquisa, a mobilidade de pesquisadores para a indústria, e vice-versa, o estímulo ao espírito empreendedor e à proteção da propriedade intelectual, e uma estrutura fiscal apropriada para as empresas inovadoras.

Um dos pontos importantes é o da modernização do regime de trabalho dos pesquisadores. É preciso encontrar formas institucionais que permitam, ao mesmo tempo, flexibilidade e compromisso com resultados.

O incentivo fiscal continua a ser uma ferramenta indispensável para induzir o investimento em pesquisa e desenvolvimento. Os cálculos do MCT mostram que, desde 1993, as duas leis de incentivo induziram investimentos de mais de R\$ 5 bilhões, ao custo de uma renúncia fiscal de R\$ 2,5 bilhões.

Hoje, as empresas utilizam cada vez mais a capacidade de pesquisa das Universidades. E é bom que isso ocorra. É bom para as empresas, mas é bom também para o Brasil. É necessário aperfeiçoar os instrumentos adequados ao melhor desempenho na área de incentivos.

Por isso, determinei ao Ministro Sardenberg que providencie a realização de estudos, juntamente com os demais setores interessados do Governo, com vistas a uma revisão da legislação sobre incentivos (fiscais e não-fiscais).

Um dos temas que deve ser examinado é a idéia – proposta por representantes do setor privado no Conselho de Ciência e Tecnologia – de criação de um regime de encomendas e contratos, pelo Governo, para desenvolvimento de tecnologias estratégicas por parte das empresas, Universidades e centros de pesquisa.

Outra questão que exige exame atento é a revisão da redução da renúncia fiscal em decorrência do declínio do uso das leis de incentivo.

E quando o Presidente vem falar em uma cerimônia do CNPq, ele não pode deixar de falar de bolsas. É um assunto que atrai muita atenção, e com razão, porque as bolsas são um instrumento essencial.

Os números não deixam margem a dúvida. De 1951 a 1994, o CNPq concedeu mais de 370 mil bolsas-ano. De 1995 a 2000, foram 283 mil, ou seja: em seis anos, concedemos um número de bolsas que equivale a 75% do total de bolsas concedidas pelo CNPq em toda sua história anterior. Nossa meta é chegar a 2002 com a concessão de um total de 370 mil bolsas-ano, o que será fazer quarenta anos em oito.

Mas não é suficiente conceder muitas bolsas. É preciso estar atento ao seu valor, para que atendam efetivamente à sua finalidade.

De 1995 a 2000, o CNPq investiu, em média, R\$ 25 mil por ano em cada pesquisador. Não é pouco, se pensarmos nas condições gerais do país. Mas é pouco, se pensarmos na importância da ciência e da tecnologia.

Determinei ao MCT e ao MEC a realização de estudos no sentido de rever os valores atuais das bolsas, de forma a torná-las mais atraentes e, sobretudo, permitir a identificação de novos talentos, dando ênfase ao pós-doutorado e à fixação de doutores.

Os Institutos Federais de Pesquisa são uma peça importante no sistema de inovação e desenvolvimento científico. Impõe-se a tarefa de recomposição de seus quadros, com base na avaliação em curso e na proposta de reforma dos institutos.

A área de ciência e tecnologia é tipicamente um setor no qual o Estado tem um papel a desempenhar. Não pode ser entregue simplesmente ao mercado.

Ao mesmo tempo, contudo, o Estado não pode pretender controlar excessivamente.

Não pode ter a mão pesada quando está lidando com objetos delicados. É preciso ter uma política para o setor, mas uma política que incorpore a visão dos que trabalham nessa área.

Quem faz ciência são os pesquisadores, não o Governo. Ao Governo cabe, em primeiro lugar, não atrapalhar, mas cabe também ajudar, promover, incentivar, catalisar.

E, nesse sentido, há um avanço que eu desejo mencionar porque representa, no terreno institucional, uma profunda transformação no setor de ciência e tecnologia no Brasil. É o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.

O Centro será o cérebro da nova maneira de gerir ciência e tecnologia: será pequeno, mas forte; terá funções estratégicas, com a busca de resultados, foco, prospecção, acompanhamento, avaliação de programas, grandes projetos e fundos.

A ciência é, essencialmente, uma obra da inteligência. Uma política para esse setor precisa ser gerida com inteligência.

O Centro dará especial atenção à área das ciências sociais. Não preciso falar, aqui, da importância que eu, pessoalmente, atribuo a esse tema, por experiência própria.

O MCT está conduzindo uma tarefa de grande alento para mapear o futuro da ciência e da tecnologia brasileiras e para estabelecer o rumo seguro a ser seguido na Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, em setembro próximo.

Será uma oportunidade para debater o futuro que queremos para o País, o papel da ciência e da tecnologia na sua construção.

Sabemos que muito já foi feito, mas o Brasil precisa alcançar definitivamente o pelotão dos países que lideram a pesquisa mundial.

Esta semana, a imprensa estará dedicando grande atenção ao tema da ALCA, em função da reunião em Québec, no próximo fim de semana.

É preciso entender que o tema da ALCA tem uma relação direta com o que estamos discutindo aqui. Na economia atual, a competitividade é impossível se não houver um sistema nacional eficaz de inovação tecnológica.

O Brasil dispõe de condições para isso.

Temos a necessária dimensão econômica de mercado, temos a competência de nossa comunidade científica, temos a qualidade de nossas Universidades.

O exemplo do CNPq, o exemplo da visão de longo prazo, inteligente, de Álvaro Alberto, devem servir-nos como inspiração.

O CNPq e tudo o que ele representa são motivos de orgulho para o Brasil.

São também um aprendizado.

Um aprendizado de algo que é difícil, mas que é indispensável para um país como o nosso, um país que tem a vocação, não de ser um receptor passivo de inovações realizadas por outros, mas de participar plenamente nos avanços da humanidade no novo século que se inicia.

DISCURSO DO MINISTRO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA,  
RONALDO MOTA SARDENBERG

Desejaria saudar Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, Doutor Fernando Henrique Cardoso, e a Senhora Doutora Ruth Cardoso, Presidente do Comunidade Solidária, que também muito nos distingue com sua presença nesta Cerimônia, saúdo Sua Excelência, o Senhor Vice-Presidente da República Doutor Marco Maciel e D. Ana Maria, desejaria dirigir uma saudação especial ao Presidente do CNPq, Doutor Evando Mirra de Paula e Silva, que, como todos esperavam, realiza admirável e profícua gestão à frente do Conselho.

Saúdo igualmente os Senhores Ministros de Estado e demais autoridades; os Senhores ex-presidentes do CNPq; os membros da alta direção do MCT, CNPq e FINEP; os Pesquisadores e Professores, e ilustres representantes da comunidade acadêmica; às Senhoras e Senhores.

Antes de mais nada, a todos agradeço a honra e o prazer que nos dão ao se associarem a esta comemoração. É hora de consignar minha alegria – mesmo emoção – por alcançarmos hoje, com o transcurso do Cinquentenário do CNPq, verdadeiro marco na História da Ciência e Tecnologia do Brasil. Desejo associar-me à homenagem, há pouco prestada, aos que, nesse logo período, tiveram a alta responsabilidade de dirigir o CNPq.

Entidade dinâmica e atualizada, o CNPq se orgulha de sua trajetória; de seu empenho na construção do conhecimento no País; e de sua sensibilidade aos reclamos sociais e econômicos de nosso povo.

Comemoramos com o CNPq a rica tradição de pesquisa que o Brasil e sua comunidade científica souberam construir e acumular. Comemoramos o diálogo sustentado com essa comunidade, que se distingue pelo conhecimento, dedicação e espírito aberto.

Mas celebramos também a transição para uma etapa ainda mais alta de realização, com os olhos postos na fronteira mundial do conhecimento, no cumprimento das vocações brasileiras e nos desafios das realidades nacionais e locais.

Sem descuidarmos, de qualquer forma, das responsabilidades imediatas, estamos, em conformidade com a orientação estratégica de Vossa Excelência, profundamente engajados no fortalecimento da estrutura que sustenta o nosso campo e na elaboração de diretrizes para o futuro. Em setembro, com a Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, culminará o amplo processo de definição de prioridades e estratégias até 2010, que é também parte destas comemorações.

O Governo se orienta pela visão abrangente do que pode, e deve, ser nosso campo de atividades e pela dedicação de sua política ao interesse nacional e ao compromisso com a sociedade.

Crescem de forma inédita os recursos disponíveis, assim como se atualiza a gestão científica e tecnológica. Já se criaram os primeiros Fun-

dos Setoriais. Este mês começará o processo de dispêndio de novos recursos, na área de infra-estrutura de pesquisas. E Vossa Excelência recém adotou uma Agenda de Governo para este biênio, que prevê a efetiva expansão da ciência e tecnologia.

Aceitamos, Senhor Presidente, em sua plenitude, o magno desafio de transformar o que é a Agenda de Governo, – no que nos couber –, na agenda de trabalho e de prioridades do MCT. O CNPq é parte indissolúvel desse projeto e seu fortalecimento é, por isso mesmo, absolutamente necessário.

Temos trabalhado, com afinco, em problemas concretos, entre os quais a ampla reforma do sistema federal de apoio à ciência, tecnologia e inovação; as gestões para a definição de uma política industrial com prioridade ao aumento do coeficiente tecnológico da produção brasileira; e o esforço em favor da desconcentração regional, na aplicação dos recursos federais em nosso campo de atividades.

Como agência central de fomento à pesquisa, o CNPq será, ao lado da FINEP, um instrumento fundamental da implementação da nova política de Fundos Setoriais. A regulamentação dos Fundos estabelece que os auxílios individuais e o apoio à capacitação de recursos humanos serão executados pelo CNPq.

Isso significa que, pelo menos, 20% dos novos recursos serão, na prática, executados pelo CNPq, o que reforçará de maneira expressiva seu orçamento e permitirá a flexibilização de suas ações e a ampliação do apoio aos setores que não dispõem de Fundos Setoriais.

Os êxitos alcançados, Senhor Presidente, são obra do Governo, mas contam também com um arco visível de solidariedade, graças ao diálogo que foi possível estabelecer e à disposição que sempre tivemos, e continuamos a ter, de examinar abertamente as questões substantivas de ciência e tecnologia ora diante do País.

Devo, neste ponto, agradecer o claro apoio que temos recebido, dado o espírito público do Congresso Nacional e de todos os partidos, assim como de Governos estaduais, portadores de distintas persuasões políticas. Desejo também registrar a cooperação inestimável prestada por diferentes setores do Executivo federal à política em curso em nosso campo.

Neste, como em outros pontos, seguimos a grande experiência e o espírito livre característicos do CNPq, em seus cinquenta anos. Buscamos o debate das idéias, e da prática necessária para concretizá-las, em benefício da ciência e tecnologia brasileiras.

Iremos agora abrir outra trilha, com iniciativas inovadoras e, nessa busca, desejamos que persistam o apoio e a compreensão conscientes que levam a superar dissensões ou considerações adjetivas que naturalmente fazem parte da vida política.

Em comparação com outros países em desenvolvimento, a despeito de nossos problemas, encontramos-nos em posição privilegiada. A criação do CNPq, assegurou as bases e a operação de um eficiente sistema público de apoio à pesquisa e inovação. Sua contribuição não é corriqueira. São cinquenta anos de interação direta com os pesquisadores, na formação de grupos de pesquisa voltados para temas relevantes, para a excelência e para a identificação de talentos emergentes.

Agora, a missão do CNPq ganha relevo, se possível, ainda maior. Nesta década, o Brasil deve alcançar um nível de esforço de ciência e tecnologia comensurável com as nossas riquezas. São quase continentais as dimensões territoriais do País. Sua base de recursos naturais figura entre as maiores do mundo. A gente brasileira é dotada de natural capacidade para a inovação.

Nosso caminho só pode ser o da capacitação, do equipamento dos laboratórios, do fomento acrescido às pesquisas, do aperfeiçoamento do regime de trabalho dos pesquisadores e do estímulo ao desenvolvimento tecnológico.

Na Sociedade do Conhecimento – nesta era da informação, da genômica e de outras tecnologias –, a ética, mais do que uma nova condição de trabalho, representa, sobretudo, um constante desafio para as atividades científicas e para a reflexão filosófica.

O conhecimento e a inovação devem estreitar as diferenças e hiatos de qualidade de vida, bem estar coletivo e progresso, que infelizmente perduram em nosso País e na escala planetária. Os países em desenvolvimento têm interesse direto e legítimo na definição das condições em que se processa a difusão mundial do novo paradigma econômico e tecnológico, que condicionará o futuro comum.

Muito ainda há que fazer. As ciências exatas e da vida, ao lado das ciências sociais, devem mobilizar-se para cumprir essa imensa tarefa. Ao lado de nossos esforços nacionais, a cooperação internacional é indispensável para que se compartilhem o acesso e os benefícios da ciência, tecnologia e inovação e para que participemos de forma eqüitativa da construção de um mundo mais justo, mais equilibrado e mais próspero.

Pela capacidade de mobilização de talentos e competências, que evidenciou ao longo de sua história, o CNPq – no auge de sua maturidade e pronto para novos desafios –, tem e terá papel ímpar na conquista das realizações a que o Brasil aspira, no novo rumo que, sob sua liderança, Senhor Presidente, estamos imprimindo à ciência e tecnologia do País.

DISCURSO DO PRESIDENTE DO CNPQ,  
EVANDO MIRRA DE PAULA E SILVA

Quando o almirante Álvaro Alberto, recém nomeado Presidente da nova Agência, reuniu pela primeira vez o Conselho Deliberativo e deu início às atividades do então Conselho Nacional de Pesquisas, inaugurava-se, sabemos hoje, uma nova fase na história da Ciência e Tecnologia do País.

A história anterior é muito rica, mas fácil de ser contada, através do itinerário pessoal dos grandes pioneiros, que souberam ver mais longe que seu tempo, lançaram as primeiras bases e apontaram o caminho.

A transformação a que ficaria vinculada a criação do CNPq é uma mudança de natureza, com o estabelecimento das primeiras alianças eficazes na sociedade brasileira, em torno do empreendimento da pesquisa, e o início da apropriação coletiva do processo de produção de conhecimento no País.

Talvez seja oportuno lembrar a espantosa modernidade daquele gesto.

No plano internacional só então os países desenvolvidos começaram a criar suas Agências de Fomento. Basta lembrar ter sido apenas no ano passado que, nos Estados Unidos, a National Science Foundation festejou os seus cinquenta anos.

No plano interno do País, o processo de criação do CNPq tem também algo de excepcional na capacidade de fazer convergir, em torno da proposta, múltiplos atores e diversas motivações. Por um lado, a mobilização propiciada pelo fascínio e prestígio contemporâneos das atividades ligadas à energia nuclear. Além disso, o entusiasmo pela Ciência nacionalmente provocado pelo sucesso de Cesar Lattes, ao participar ativamente de uma conquista científica maior, a descoberta do méson-p, a qual valeria o Prêmio Nobel da Física ao líder de seu grupo. Mais ainda, e já então, o descortino daqueles que se apercebiam do impacto crescente da incorporação da pesquisa no empreendimento industrial.

É assim significativo que, entre os 23 notáveis que redigiram o Anteprojeto do CNPq, vamos encontrar personalidades de muitos matizes, desde pesquisadores voltados prioritariamente para a criação da base científica, como Cesar Lattes, Carlos Chagas Filho e Joaquim da Costa Ribeiro, a outros engajados na questão nuclear, como Orlando Rangel e Marcelo Damy, ou ainda aqueles imbuídos de preocupações tecnológicas e empresariais, como Francisco Maffei e Euvaldo Lodi, então presidente da Confederação Nacional da Indústria.

Álvaro Alberto, não seria ocioso lembrar, trafegava com desenvoltura por todos esses campos, ativo pesquisador em Química, que chegou por duas vezes a presidir a Academia Brasileira de Ciências, adepto entusiasta da energia nuclear e ainda empresário de sucesso.

Passou-se meio século. Quem visse o que viu, não reconhecera o que vê. De um esforço ilhado em poucos centros dispersos em poucas regiões, o empreendimento científico brasileiro transformou-se numa vasta empreitada coletiva que se distribuiu por todo o território nacional, contempla todos os domínios de conhecimento e permeia toda a vida inteligente do País.

Anísio Teixeira, que há também cinquenta anos criava a CAPES, agência irmã e parceira na aventura, diria em depoimento no Congresso, ao sustentar a necessidade imperiosa de que viesse a se implantar entre nós a atividade de pesquisa, que nossas instituições de ensino superior só se transformariam em verdadeiras universidades quando, através da pesquisa, passassem a participar da produção da cultura que ensinam.

Houve grandes avanços em direção a este sonho.

Na universidade pública, em primeiro lugar, mas não apenas. A atividade de pesquisa se consolidou também nos Institutos, naqueles poucos que já se encontravam engajados nessa trilha, e nos muitos outros que tiveram sua existência associada à criação e à presença do CNPq.

Até mesmo no que diz respeito à pesquisa nas empresas, espaço essencial com muito ainda a ser conquistado, o acervo de realizações já é significativo e permite antecipar o que a plena exploração de seu potencial tornará possível alcançar.

No cenário internacional de pesquisa já não somos mais aqueles seres improváveis, um pouco mais do que figurantes, um pouco menos do que personagens. Nós nos tornamos de pleno direito atores nessa história.

O processo de construção e o patrimônio construído trazem a marca, virtualmente em todos os momentos, da participação desta Agência.

Hoje, meio século depois, após ter assegurado o apoio a centenas de milhares de bolsistas e pesquisadores, a atuação do CNPq está permeada de modo único na tela de competências nacionais.

Foi o CNPq a Agência que não apenas contribuiu para a formação de cientistas capazes de atuar na fronteira do conhecimento e capacitados para criar e aperfeiçoar tecnologias, mas também para a consolidação de bem sucedidos programas nacionais de grande impacto social ou estratégico.

Não caberia aqui um inventário, mas, entre tantos outros, são alguns exemplos desse sucesso a introdução no País da Rede Nacional de Pesquisas e da INTERNET, o apoio e participação nas conquistas da EMBRAPA e da FIOCRUZ, a introdução das Incubadoras e Parques Tecnológicos e o atendimento à pesquisa aeroespacial, à biologia molecular e o seqüenciamento genômico ou ao estudo da diversidade biológica em fronteiras da Amazônia ou da Antártida.

Mas, para tanto foi primeiro necessário criar entre nós a cultura da avaliação.

O sistema desenvolvido para análise e seleção dos projetos, fundado no julgamento pelos pares, permite a busca da Excelência segundo os critérios rigorosos da competência do pesquisador e da qualidade e relevância do projeto.

Este sistema, cuja construção não é trivial, e que vem sendo objeto de permanente aperfeiçoamento, é outro dos importantes instrumentos de que o País dispõe e que o CNPq tem colocado à disposição de todo o universo voltado para a pesquisa e desenvolvimento.

Uma transformação desse porte não se faz no isolamento. A criação do CNPq se beneficiou dos caminhos abertos pelas organizações que surgiram da comunidade científica, como a Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e que desde o aparecimento desempenharam papel determinante na formação da consciência científica e ocupam ainda lugar central nas estratégias de desenvolvimento científico do país.

A institucionalização da pesquisa brasileira se construiu ainda num quadro de crescente complexidade. A criação da FAPESP, que abriu o caminho para a emergência das FAPs em outros estados, a criação da FINEP, nos anos 60, já sinalizavam uma redistribuição de papéis e um novo grau de maturidade.

Sabemos, contudo, dos cuidados necessários para lembrar o que estamos lembrando.

Em primeiro lugar porque esta construção não se fez – e não se faz – sem sacrifícios, e o apoio foi muitas vezes insuficiente ou inconstante.

Sabemos que embora presente em todo o território nacional a competência científica padece ainda em muitas regiões de rarefação e de desequilíbrio.

Sabemos que é preciso aprender a organizar mais produtivamente a produção de conhecimento e torná-lo, mais depressa e mais freqüente, instrumento essencial no combate aos grandes males que nos afligem.

Sabemos que o mundo vai depressa.

Sabemos que o que se conquistou até agora está ainda muito distante do que precisamos e do que queremos conquistar.

Mas longe de gerar desânimo, esses obstáculos apenas nos apontam o Programa de Trabalho. Para o CNPq esses primeiros cinqüenta anos são um prólogo. O que têm de sucessos e de insucessos representa prioritariamente elemento de reflexão e processo de aprendizado. E sinaliza para a Agência rotas para o futuro.

Este futuro é sedutor. Porque uma Agência voltada para a criação e a inteligência é e será cada vez mais necessária.

Toda a sua história mostra que uma Agência como o CNPq é um vetor do Futuro, parceiro essencial no contexto da inovação e difusão tecnológicas. Se é papel essencial do CNPq a busca intransigente da excelência, se é papel essencial do CNPq contribuir para o desenvolvimento

da pesquisa na fronteira do conhecimento, suas estratégias de fomento devem estar também fortemente associadas ao desenvolvimento sócio-econômico e cultural do País.

Sua história mostra ainda que uma Agência como o CNPq é uma formidável máquina de transformação, mostra como Ciência e Tecnologia são estratégias poderosas de inclusão social. Mostra o seu papel decisivo na mobilização para o enfrentamento de nossos problemas sociais, econômicos e culturais.

E assim construiremos o nosso futuro.

O momento da memória é também momento de congratulações e de agradecimento.

Congratulações com a comunidade científica, cuja presença e disponibilidade absolutas conferem ao CNPq a oportunidade única de construir o seu caminho em interlocução permanente com a crítica e com a inteligência.

Agradecimento a todos os Presidentes que me antecederam, e conduziram essa Casa, muitas vezes em águas revoltas, com determinação e coragem.

A todos os servidores do CNPq, cuja dedicação e devotamento sem limites são uma lição de espírito público, e cuja convivência é fonte permanente de aprendizado e de alegria.

A Carlos Américo Pacheco, no MCT, e a toda a equipe de direção do CNPq, em especial Alice Abreu, Albanita Viana de Oliveira, Celso Melo, Gerson Galvão e Lélío Fellows, que generosamente se dispuseram a compartilhar, de perto, os sobressaltos e as alegrias da delicada condução deste momento.

Ao Ministro Ronaldo Sardenberg, que sabiamente conduz os assuntos da Ciência e Tecnologia, combinando o insistente olhar para o Futuro com a atenta preocupação com o Presente.

Ao Presidente Fernando Henrique Cardoso, cuja firme decisão de criar as novas fontes de gestão e de fomento da pesquisa, com os fundos setoriais, fará com este momento venha a ser lembrado como início de uma nova etapa de Ciência e Tecnologia no Brasil.

Vamos empreender juntos a construção dos próximos cinquenta anos.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA ACADEMIA  
BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, EDUARDO KRIEGER

A importância do CNPq para o desenvolvimento da ciência brasileira é fato incontestado.

Fruto de uma luta que se iniciou na Academia Brasileira de Ciências em 1931, quando surgiu a primeira proposta de criação de um órgão de fomento à pesquisa, a criação do Conselho em 51, com a intensa participação da Academia, foi acolhida com esperança e entusiasmo pelos pesquisadores de então.

Decorridos 50 anos é com a mesma esperança, e com o mesmo entusiasmo, que nos associamos, nesta solenidade, às justas homenagens que hoje são prestadas ao nosso CNPq.

No início da década de 40, portanto antes da criação do CNPq, os países industrializados que tinham uma longa tradição de pesquisa iniciavam uma nova fase caracterizada pela rapidez na captação e na transferência do conhecimento gerado nas Universidades e nos Institutos de pesquisa para o setor produtivo.

Criavam-se os modernos sistemas de Ciência e Tecnologia (C&T), que acentuaram o desnível entre os países industrializados, e os considerados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. É preciso lembrar, também, que nessa época, nossas principais Universidades recém haviam sido criadas e havia poucos núcleos ativos de pesquisa.

Conseqüentemente, em nosso país, quase tudo estava por se fazer em C&T, quando o CNPq foi finalmente criado.

Passados 50 anos, o panorama é totalmente diferente. Criamos uma base científica capaz de sustentar o ambicionado projeto de desenvolvimento nacional e está em funcionamento no Brasil um dos mais significativos sistemas de C&T existentes entre os países em desenvolvimento.

Nossas conquistas no setor podem ser avaliadas pelo crescimento excepcional da produção científica, pelo número de doutores formados e pelo reconhecimento internacional da Ciência e dos cientistas brasileiros, ilustrado recentemente no campo da Genômica.

Também, no uso do conhecimento para o desenvolvimento nacional, já podemos contabilizar exemplos marcantes nos campos da biotecnologia, da informática, do petróleo e de fontes alternativas de energia, na fabricação de aviões e no uso de satélites e, de modo muito especial, no setor da agricultura.

Pode ainda parecer pouco, mas já vencemos o mais difícil: aprendemos a formar gente bem qualificada e a criar conhecimento.

A pergunta que poderia ser feita é: qual o papel do Conselho na transformação ocorrida na ciência e tecnologia brasileiras nesse meio século? A resposta é simples: quase tudo.

Nascido da convergência de interesses da comunidade científica e do governo, do mútuo respeito e de um permanente diálogo, o Conselho

é parte integrante da trajetória de cada um de nós, bolsistas e ex-bolsistas, pesquisadores e de nossas Universidades e Institutos de Pesquisa.

A história dessa transformação, portanto, se confunde, se identifica com a própria história da agência. Reconhecer e apregoar essa identidade, senhor presidente Evando Mirra é o tributo maior que a comunidade científica nacional pode prestar ao CNPq no dia de hoje.

Mas quando festejamos as conquistas, é necessário, também, lembrar os desafios que permanecem. Ainda é preciso criar novos grupos de pesquisa aproveitando os doutores que estamos formando, fomentar novas áreas, modernizar nossos laboratórios e tornar a nossa ciência mais competitiva no cenário internacional.

Os benefícios da ciência para a educação e para o desenvolvimento necessitam ser mais e melhor difundidos no país, principalmente nas Universidades e nos Institutos de Pesquisa.

Outro desafio, acentuado na declaração da Conferência Internacional de Ciência de Budapeste, em 99, é o imposto pela constatação de que dispor de uma massa crítica de cientistas, como nós temos, é condição necessária, mas não suficiente, para que o país use de forma ágil o conhecimento para acelerar o seu progresso econômico e superar seus problemas sociais.

A criação recente pelo Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, com a importante participação do Ministro Sardenberg, de dez Fundos Setoriais, e a criação de mais quatro, anunciada pelo Senhor Presidente na última reunião do Conselho Nacional de C&T (CCT), certamente possibilitará ao nosso país gerar mais conhecimentos e, sobretudo, intensificar o seu uso, em diferentes setores para acelerar o desenvolvimento nacional.

Abre-se, conseqüentemente, uma fase nova de progresso e é feliz a coincidência que a criação dos Fundos ocorra quando o CNPq festeja o seu jubileu.

Seguramente, são os investimentos em pesquisa e na formação de recursos humanos, feitos especialmente pelo CNPq e pela Capes nos últimos 50 anos, que possibilitarão que as ações previstas pelos Fundos para o aumento da produção, para a melhoria da qualidade de vida da população e para encaminhamento de soluções de parte significativa de muitos dos problemas sócio-econômicos que nos afetam, se tornem realidade.

Comprova-se, assim, o princípio universalmente aceito de que só pode aspirar a usar e aplicar ciência o país que produz ciência.

É conveniente lembrar, entretanto, que problemas e necessidades podem ser identificados setorialmente, os instrumentos e a competência para utilizar o conhecimento na sua solução são comuns a todos os setores e pressupõem a capacidade de mobilizar de forma estratégica os principais atores do sistema de C&T, isto é, o governo, a comunidade científica e tecnológica e o setor produtivo.

Essa tarefa, no modelo vigente em nosso país, compete ao Ministério da Ciência e Tecnologia, em sintonia com o Conselho Nacional de C&T (CCT) diretamente subordinado ao presidente da República.

Em reunião recente do CCT, foi anunciado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso a criação de um Centro de Gestão Estratégica no Ministério, encarregado de fazer a prospeção de prioridades, planejar, acompanhar e avaliar as ações dos Fundos, visando a otimizar a aplicação dos recursos.

Acreditamos que o Centro terá importante missão, assegurando que os gestores dos Fundos usem apropriadamente os instrumentos de C&T e não deixem de valorizar, como tem enfatizado o Ministro Sardenberg, todos os componentes da cadeia de conhecimento na solução de problemas setoriais.

A experiência internacional já demonstrou que é irreal e fantasioso querer só colher os frutos ou apostar exclusivamente na aplicação do conhecimento existente, sem investir na criação de novos e na formação de pessoal qualificado.

Espera-se, conseqüentemente que os Fundos contribuam para revitalizar a capacidade do CNPq de investimento em Ciência Básica.

Permita-me agora, Senhor Presidente, dirigir-me aos companheiros do CNPq na pessoa do Presidente Evando Mirra e dos ex-presidentes aqui presentes, de forma mais familiar.

A ABC, com os seus 84 anos de existência, vê hoje com sentimento fraterno o Conselho tornar-se cinquentenário. Foi uma longa jornada que percorremos juntos desde 1951, quando o Almirante Álvaro Alberto, então presidente da Academia, tornou-se o primeiro Presidente do CNPq.

Com os demais membros da comunidade vivemos o dia-a-dia do CNPq, enfrentando as dificuldades, que não foram poucas nem pequenas, para construir e consolidar o sistema de C&T, de que hoje nos orgulhamos.

Expandir a base científica nacional, ainda reduzida e, simultaneamente, participar do esforço para que a C&T assumam definitivamente o papel central na agenda de desenvolvimento brasileiro é o desafio que a todos compete enfrentar.

É confortador, no entanto, ver nessa solenidade que o CNPq se mantém preparado e que o seu desempenho nesses 50 anos é garantia segura de sucesso nas novas empreitadas que o país lhe destina.

DISCURSO DA PRESIDENTE DA SOCIEDADE  
BRASILEIRA DO PROGRESSO  
PARA A CIÊNCIA - SBPC, GLACI ZANCAN

“A atualização do sistema de C&T não pode, nem deve, sob pena de um equívoco de graves conseqüências, ocorrer em detrimento da independência e autonomia do órgão-gestor, este, cujo cinqüentenário comemoramos”.

Estamos, hoje, aqui reunidos para uma celebração.

Comemoramos a visão e a ousadia de nossos pares ao proporem a criação de um órgão governamental independente e habilitado a fomentar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Eles agiram assim convictos de ser este o caminho para prosperidade nacional.

A eles rendemos nossos tributos.

Festejamos a lucidez da classe política de meio século atrás pela percepção da importância da proposta, e os governantes de então. Eles apostaram no projeto que tornou viável e efetiva a criação do Conselho Nacional de Pesquisa.

A eles expressamos nosso reconhecimento.

Celebramos a capacidade de trabalho e de resistência dos dirigentes que se sucederam à frente do CNPq e à dedicação e eficiência de seu corpo técnico. Com determinação firme, mantiveram suas atividades, apesar das crises políticas e econômicas que afetaram a vida nacional ao longo desses 50 anos.

A eles dirigimos nossos agradecimentos.

Colhemos, hoje, como faziam os antigos, os louros da dedicação de uma plêiade de pesquisadores que, no decorrer do tempo, deu o máximo de sua competência para levar os avanços às fronteiras do conhecimento.

A eles rendemos nosso profundo respeito e admiração.

Nós, que fazemos do CNPq a nossa casa, nos orgulhamos todos de haver construído um parque científico-tecnológico dotado de instituições científicas capazes de formar quadros técnicos de alto nível.

São essas inteligências nacionais que qualificam o Brasil para competir no mundo, num momento em que, mais do que antes, a ciência, além de cultura é poder e o domínio da tecnologia é divisor que separa e distingue os povos ricos e pobres.

Essa geração de inteligências, bem sabemos, não é fruto do acaso. Ela só foi possível graças à obstinação com que se buscou, e ainda se busca, premiar os projetos mais criativos, promissores e originais. Sem isso o Brasil não teria chegado à posição de um dos vinte maiores produtores de conhecimento novo.

Mas, neste momento de júbilo pelos êxitos já conquistados, é preciso também reafirmar que, para ultrapassar os limites atuais, é profunda-

mente necessário expandir a capacidade de fomentar a ciência para todos os quadrantes deste país.

A atualização do sistema de C&T não pode, nem deve, sob pena de um equívoco de graves conseqüências, ocorrer em detrimento da independência e autonomia do órgão-gestor, este, cujo cinqüentenário comemoramos.

Considerando o acelerado crescimento da ciência mundial, imaginar que já atingimos um padrão de desenvolvimento científico desejável, seria um erro, com o prejuízo maior de abdicar de nossas potencialidades. Entre elas, especialmente, a perda de jovens talentos que, com custo elevado para a sociedade nacional, pudemos formar.

Esta possibilidade não é uma metáfora, um jogo de palavras, um recurso de linguagem. É um risco real para todas as nações do Terceiro Mundo, bloco de que somos parte.

Ao final de 50 anos de esforços, a comemoração de que participamos hoje sugere, enfaticamente, que a próxima meta, deva ser a ampliação de nossa capacidade de geração de conhecimento em escala consistente com nosso potencial econômico. E isso num prazo muito menor que 50 anos.

É importante que esta festa, de que hoje tomamos parte, seja uma reafirmação de fé no futuro.

Se for assim, ela será, naturalmente, um chamado à sociedade brasileira, e aos poderes legislativo e executivo, em particular, para que se unam à comunidade científica e às suas sociedades representativas, no esforço comum pelo progresso da ciência com melhoria de educação em geral e da científica em particular.

Pela capacidade continuada para a inovação tecnológica, base que são do desenvolvimento sócio-econômico das nações.

Esperamos, confiantes, que as gerações futuras possam, como nós hoje fazemos, reverenciar à clarividência de nossos antecessores.

Para que isso seja possível devemos não só relembrar esses feitos do passado, como atos de História, mas assegurar as condições para que eles continuem possíveis.

Assim, de forma objetiva, responsável e solidária, hoje, de alguma maneira, estaremos escrevendo a História do futuro.